



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**AGDA MARIA RAMALHO JORDÃO**

**DEPRESSÃO INFANTIL NA PANDEMIA DA COVID-19 E O PAPEL ATIVO  
DA CRIANÇA ATRAVÉS DO LÚDICO**

**CAMPINA GRANDE**

**2023**

AGDA MARIA RAMALHO JORDÃO

**DEPRESSÃO INFANTIL NA PANDEMIA DA COVID-19 E O PAPEL ATIVO  
DA CRIANÇA ATRAVÉS DO LÚDICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Psicologia.

**Área de Concentração:** Psicologia

**Orientador:** Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes.

**CAMPINA GRANDE**

**2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R165d Jordao, Agda Maria Ramalho.

Depressão infantil na pandemia da covid-19 e o papel ativo da criança através do lúdico [manuscrito] / Agda Maria Ramalho Jordao. - 2023.

35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS. "

1. Pandemia. 2. Depressão infantil. 3. Psicologia infantil. 4. Covid-19. I. Título

21. ed. CDD 155.4

AGDA MARIA RAMALHO JORDÃO

**DEPRESSÃO INFANTIL NA PANDEMIA DA COVID-19 E O PAPEL ATIVO  
DA CRIANÇA ATRAVÉS DO LÚDICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a/ao Coordenação/Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Psicologia.

**Área de Concentração:** Psicologia

Aprovada em: 05/10/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

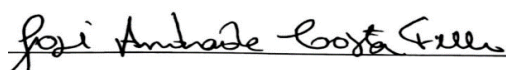


---

Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

---



---

Prof. Dr. José Andrade Costa Filho

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

---



---

Prof. Me. Pamela de Sousa Gonzaga

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Às milhares de crianças acometidas pela depressão infantil no mundo inteiro durante a pandemia da covid-19, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

O que dizer de um fechamento de um ciclo? É um misto de emoções inexplicáveis. Como eu sonhei com tudo isso.

Quero agradecer primeiramente a Deus pois sem ele nada disso seria possível. *“Não há nada nem ninguém que o possa resistir. Quando colocamos a nossa causa diante de Deus, ele vai a nossa frente. Temos limitações, mas quando recorremos a Deus, ele pode nos conduzir com sua força e reverter tribulação em louvor” (Salmo 21:13).*

Agradeço imensamente a minha mãe Alzira e ao meu Pai Gilson por serem os melhores pais do mundo, meus melhores amigos, meu porto seguro, por abdicarem de seus sonhos para abraçarem o meu. Obrigado por acreditarem em mim desde o começo pois reconheço que muitas vezes achei que não seria capaz de chegar até aqui. Meus pais são minha base, minha força, minha inspiração, minha motivação diária, meu tudo. Conheci o amor incondicional através deles. Gratidão por tudo, por me fazerem ser tanto.

Sou eternamente grata ao meu orientador Thiago Silva Fernandes, pela paciência, acolhimento, dedicação e por todos os ensinamentos ao longo de todo o processo. Obrigado por ter acolhido a proposta de orientação deste trabalho, por ter acreditado em mim, nada disso seria possível sem você. Thiago é um profissional exemplar ao qual me espelho em sua atuação. Muito obrigado por tudo.

Agradeço também a banca formada pela professora Pamela de Souza Gonzaga e pelo professor José Andrade Costa Filho, por terem aceitado meu convite. São professores ao qual eu tenho uma profunda admiração. Fico extremamente honrada em ter pessoas tão especiais fazendo parte deste momento comigo.

Por fim, mais não menos importante, quero agradecer a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - Campus I, que se tornou minha “segunda casa” ao longo dos últimos cinco anos. Obrigado a todos os profissionais que contribuíram na minha formação transmitindo saber com muita ética e excelência. Gratidão!

## RESUMO

Com a crise global ocasionada pela pandemia da covid-19, o discurso acerca da saúde mental intensificou-se, tornando-se tema de principais debates e discussões. Esta pesquisa buscou abordar por meio de uma revisão da literatura de caráter descritivo e análise qualitativa, a depressão infantil em tempos de pandemia da covid-19, elucidando o papel ativo da criança através do recurso lúdico, por meio de periódicos de Bases de Dados Virtuais como SciELO, PePSIC e BVS, bem como, Sites e Livros relacionados presentes na íntegra. Antes de adentrar na temática, desenvolveu-se um percurso pela historiografia da infância desde o descaso na Antiguidade até o protagonismo infantil com o advento da Modernidade. Assim, abriu-se espaço para compreender a criança em sua totalidade a partir de contribuições da psicologia infantil. Verificou-se que diante do cenário pandêmico houve a potencialização dos fatores de risco da depressão infantil, atrelados à privação social. Mediante os fatos expostos, estudos apontam que um aumento dos casos de depressão infantil está diretamente relacionado com a pandemia da covid-19, nesse panorama a prevalência dobrou se comparar com o contexto pré-pandêmico, porém o diagnóstico se torna extremamente difícil pelo fato da sintomatologia se expressar de forma atípica no público infantil. Ademais, o lúdico pode ser bastante útil no tratamento de crianças acometidas por sintomas depressivos atuando como recurso mediador e facilitador na promoção de bem-estar físico e subjetivo. Portanto, a depressão infantil não deve ser minimizada, o transtorno depressivo na infância se configura como uma doença grave que precisa de diagnóstico e tratamento.

**Palavras-Chave:** pandemia; depressão infantil; psicologia infantil; Covid-19.

## ABSTRACT

With the global crisis caused by the Covid-19 pandemic, the discourse around mental health intensified, becoming the topic of main debates and discussions. This research sought to address, through a descriptive literature review and qualitative analysis, child depression in times of the Covid-19 pandemic, elucidating the active role of the child through playful resources, through Virtual Database periodicals. such as SciELO, PePSIC and BVS, as well as related websites and books present in full. Before delving into the topic, a path was developed through the historiography of childhood from neglect in Antiquity to children's protagonism with the advent of Modernity. Thus, space was opened to understand the child in its entirety based on contributions from child psychology. It was found that, given the pandemic scenario, risk factors for childhood depression increased, linked to social deprivation. Based on the facts exposed, studies indicate that an increase in cases of childhood depression is directly related to the covid-19 pandemic, in this scenario the prevalence has doubled compared to the pre-pandemic context, however the diagnosis becomes extremely difficult due to the fact that symptomatology is expressed in an atypical way in children. Furthermore, play can be very useful in the treatment of children affected by depressive symptoms, acting as a mediating and facilitating resource in promoting physical and subjective well-being. Therefore, childhood depression should not be minimized, depressive disorder in childhood is a serious illness that needs diagnosis and treatment.

**Keywords:** pandemic; childhood depression; child psychology; Covid-19.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 UMA VISÃO SÓCIO-HISTÓRICA ACERCA DA INFÂNCIA .....</b>	<b>11</b>
<b>3 PSICOLOGIA INFANTIL.....</b>	<b>17</b>
<b>4 DEPRESSÃO INFANTIL E PANDEMIA DA COVID-19.....</b>	<b>21</b>
<b>5 O BRINCAR COMO RECURSO TERAPÊUTICO E O PAPEL ATIVO DA CRIANÇA .....</b>	<b>26</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Inevitavelmente todo adulto já foi criança algum dia, nascemos e passamos por um longo processo de maturação até chegar à idade adulta, sendo a adolescência o período de transição entre ambas (Cruz; Sarat, 2015). “A fascinação pelos anos da infância, um fenômeno relativamente recente, fez com que o conceito de infância sofresse alterações significativas ao longo da história” (Heywood, 2004, p.13).

A infância retrata os anos iniciais de vida do ser humano, ao qual cronologicamente se passa dos 0 até os 12 anos incompletos com a chegada da puberdade (Brasil, 2018). O desenvolvimento mental, físico e social são pavimentados a partir de experiências vivenciadas pela criança, sendo de extrema importância nesse processo o cuidado, o amor e a interação. É na infância que a criança conhece e compreende sua identidade, desenvolvendo assim sua personalidade.

A palavra infância está associada a uma construção social, passando por um longo processo de transformação ao longo da história a partir do contexto vivenciado por determinada civilização, sendo atribuídos significados e importância de cada época, sofrendo influência política, social e cultural. Já a palavra criança confundida muitas vezes com infância refere-se à idade cronológica do indivíduo. A infância não pode ser associada a uma idade cronológica, pois a mesma deve ser analisada ao longo da história, as várias transformações sofridas e cada sociedade possui seu modo de classificar a mesma e tratá-la de acordo com o seu contexto histórico (Kuhlmann, 1998). A soma disso, Fernandes e Kuhlmann (2004, p.16) apontam que:

A palavra infância evoca um período da vida humana. No limite da significação, o período da palavra inarticulada, o período que poderíamos chamar de construção, apropriação de um sistema pessoal de comunicação, de signos e sinais destinados a fazer-se ouvir. O vocábulo criança, por sua vez, indica uma realidade psicobiológica referenciada ao indivíduo.

O ser humano passa a ser melhor compreendido ao longo dos anos com a ascensão da psicologia no século XIX em meio a uma série de transformações ocorridas com o advento da Modernidade. A infância em específico começa a ser estudada através da psicologia infantil sob a ótica de teorias do desenvolvimento humano. “A psicologia do desenvolvimento representa uma abordagem que visa a compreensão da criança e do adolescente a partir da descrição e exploração das mudanças psicológicas que elas apresentam no decorrer do tempo” (Gallo; Alencar, 2012, p.21).

A partir das contribuições da psicologia infantil podemos compreender a criança e suas complexidades. Assim, podemos analisar como a pandemia se apresenta e os impactos que gera na saúde mental infantil. “Todos reagem de maneira diferente a situações estressantes. Como você responde à pandemia pode depender de sua formação, da sua história de vida, das suas características particulares, e da comunidade em que você vive” (Costa, 2020, p.01).

Juntamente com a pandemia da covid-19, veio o medo do contágio, mudanças na vida cotidiana e distanciamento social, fatores estes que contribuíram de forma significativa no adoecimento psíquico. “O distanciamento está relacionado a exacerbação de distúrbios psíquicos preexistentes e desenvolvimento de novos quadros, sobretudo de depressão, ansiedade e estresse pós-traumático” (Orsini *et al.*, 2020, p.198). As crianças por estarem em processo de desenvolvimento, construindo sua percepção de mundo e sobre si mesmas, por serem mais vulneráveis a grandes mudanças e por terem uma maior necessidade de interação e estimulação, estão mais propensas a serem acometidas por transtornos mentais se compararmos com o público adulto.

Sob esse viés, nos debruçaremos sob a depressão infantil e seus impactos durante a pandemia. “Apesar de ser conhecida como um transtorno de humor, a depressão engloba fatores cognitivos, comportamentais, fisiológicos, sociais, econômicos e até religiosos” (Brito *et al.*, 2021, p. 02). Frente ao adoecimento psíquico causado pela depressão infantil durante a pandemia da covid-19, a criança acaba retraindo seus sentimentos, não tendo facilidade para se expressar de forma verbal, sendo através do lúdico como facilitador e mediador que a mesma é desviada intencionalmente da realidade proporcionando bem-estar físico e psíquico, pois, “é no brincar e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral” (Winnicott, 1975 *apud* Belo; Scodeler, 2013, p.93).

O objetivo deste trabalho é analisar, por meio de um aprofundamento da produção científica, a problemática acerca da depressão infantil no contexto da pandemia da covid-19, fazendo uma relação com os benefícios do lúdico como recurso terapêutico na minimização dos impactos gerados, com intuito de contribuir e estimular reflexões em debates acadêmicos para que assim possam ser elaborados novos trabalhos sob novas perspectivas.

Configura-se em uma revisão bibliográfica da literatura de caráter descritivo e análise qualitativa, assim consiste na coleta de dados, análise e fichamento de uma forma subjetiva, buscando compreender determinados aspectos de uma população específica, o que conseqüentemente não pretende obter números em seus resultados (Jardim; Pereira, 2009). O acesso à bibliografia foi feito de maneira eletrônica, ao qual se buscou a elucidação da temática a partir de uma observação minuciosa em Artigos científicos e Monografias, por meio de

Periódicos de Bases de Dados Virtuais como SciELO, PePSIC e BVS, bem como, Sites e Livros relacionados disponíveis na íntegra.

Para uma melhor compreensão do texto, sua organização está disposta em 04 tópicos, o primeiro irá historicizar a representação da infância e seus desdobramentos, abordando aspectos conceituais desde os primórdios da Idade Média.

O segundo tópico irá explanar sobre a importância da psicologia infantil e suas contribuições no estudo do desenvolvimento humano mediante diferentes teorias de importantes autores, no tópico posterior compreenderemos a sintomatologia da depressão infantil relacionando com o contexto da pandemia da covid-19 e o quarto tópico faz um percurso pela história do lúdico, explanando sua importância e eficácia como recurso terapêutico e facilitador na criação de espaços e dispositivos de promoção de qualidade de vida, possibilitando o papel ativo da criança no processo de ressignificação do contexto pandêmico. E por fim, as Considerações Finais sobre o tema.

## 2 UMA VISÃO SÓCIO-HISTÓRICA ACERCA DA INFÂNCIA

Compreender o universo infantil requer que façamos um percurso ao longo da história desde os primórdios da Idade Média com o conceito de adultos em miniatura até a Idade Moderna, norteados aspectos que envolvem a relação criança-adulto em períodos distintos, tendo como base a obra do autor Philippe Ariès (1981) dedicada a historiografia da infância, intitulada *História Social da Criança e da Família*. Melo (2020, p.01) aponta que:

A historiografia dedicada a infância tem suas raízes no trabalho de Philippe Ariès, “*História Social da Criança e da Família*”, publicado em 1981; esse autor é considerado o pioneiro no campo da história a trazer a infância como objeto de estudo, ao abordar sua concepção dentro do contexto da Idade Média e Moderna. Ariès compreende o conceito de infância historicamente à medida que, para ele e para os autores posteriores ao seu trabalho, a infância seria não apenas uma fase caracterizada por questões biológicas, mas estaria intrinsecamente ligada a processos históricos representados por mudanças na família e na sociedade.

Em meados do século XII, na Idade Média, a infância era caracterizada como uma projeção da vida adulta, onde as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, não possuindo uma identidade própria, uma expressão particular. A arte medieval mostrava-se desconhecer ou até mesmo ignorar a infância. “Tudo indica, de fato, que a representação realista da criança, ou a idealização da infância, de sua graça, de sua redondeza de formas tenham sido próprias da arte grega” (Ariès, 1981, p.52). A partir dos sete anos as crianças já possuíam função utilitária na sociedade, trabalhavam, se comportavam e se vestiam igualmente aos adultos, o desenvolvimento infantil era totalmente negligenciado e o que diferenciava os adultos das crianças era somente o tamanho reduzido (Ariès, 1981).

A partir do século XIII, a infância começa a ser retratada, entretanto, de forma distorcida, as crianças aparecem nesse período da história em pinturas, fortes, musculosas e com aparência de jovens, tornando a infância ainda desconhecida. Com forte conotação religiosa, o primeiro modelo de criança representado foi o Anjo de Reims caracterizado por um jovem rapaz. Sob esse viés, surgiram mais dois tipos de crianças, o menino Jesus e Nossa Senhora criança. O terceiro modelo de criança era caracterizado pela fase gótica, marcando a presença da nudez, evoluindo no século XV com a representação da iconografia infantil com a nudez decorativa através do Putto e do Retrato, marcando assim uma representação mais realista acerca da infância (Ariès, 1981).

O autor destaca que o sentimento da infância surge somente com o advento da Idade Moderna no século XVIII, consolidando-se juntamente com a sociedade burguesa, o novo

modelo de família, a busca pela melhoria na qualidade de vida com a valorização do ser humano, a expansão do capitalismo após a descentralização do feudalismo, o surgimento dos estados unificados e o renascimento das ciências e das artes (Ariès, 1981). O ser humano se torna preocupação central, onde a existência da infância e a educação da criança passam a ser temas de discussão por diversos pensadores. Melo (2020, p.01) traz que:

Se durante a Idade Média, as crianças, por se vestirem como os adultos, não tinham a liberdade de correr e brincar devido ao desajeitado de suas roupas, na Modernidade, as crianças começaram a se vestir diferentemente, a ter vestimentas mais apropriadas para a sua fase, não sendo mais caracterizadas com trajes iguais aos dos adultos. Essa transformação nos costumes dentro do seio das famílias já delineava as novas percepções da sociedade sobre a infância.

Assim, a infância começou a ser percebida no século XVIII e evoluiu a partir dos séculos, consolidando-se por meio de transformações, especialmente na qualidade de vida das crianças. Nesse contexto, as crianças começam a ser representadas não mais como adultos em tamanho reduzido, dando voz ao protagonismo infantil. Os aspectos infantis passaram assim a ser representados nas pinturas, os pintores que se destacavam eram: Van Dyck, Philippe de Champagne, Rubens e Franhals. Assim, novas concepções da infância foram construídas favorecendo a importância da educação com o surgimento de instituições escolares, inserindo as crianças ao comportamento social do período, passando assim a serem vistas como seres sociais (Ariès, 1981).

Ademais, a infância passou a assumir um papel relevante tanto no núcleo familiar quanto na sociedade, começando a separação entre adultos e crianças, ressaltando suas características e necessidades próprias, passando assim o lúdico ser reconhecido como recurso facilitador e mediador na estimulação de criatividade e imaginação, contribuindo para o desenvolvimento infantil (Ariès, 1981).

Se analisarmos a história da infância no Brasil, percebemos que o país passou por um árduo processo de construção social da infância, assim como as demais civilizações. Segundo Melo (2020), o Brasil sofre a invasão dos portugueses por volta dos anos 1500 no século XV, contudo seu processo de colonização ocorreu somente trinta anos após no ano de 1530. Poucos sabem que nas embarcações lusitanas enviadas de Portugal para povoar as terras brasileiras, além de adultos, vinham crianças também.

Essas crianças já embarcavam com funções estabelecidas como os grumetes, que desempenhavam as funções mais pesadas durante as embarcações, estas eram, órfãs, desabrigadas e pedintes que eram recrutadas nas ruas de Portugal, assim como crianças judias

raptadas de suas famílias. Outras desempenhavam a função de pajens trabalhando nos serviços menos pesados das embarcações e ainda tinham as crianças órfãs do rei designadas para se casarem com súditos da coroa logo que desembarcassem no Brasil e as crianças passageiras acompanhadas de seus pais ou familiares próximos recrutadas para povoarem as terras brasileiras (Melo, 2020).

Todas as crianças presentes nas embarcações compartilhavam do mesmo sentimento de impotência, o abuso sexual era comum entre todas assim como a fome, o trabalho forçado e as condições desumanas que eram submetidas durante a viagem. Quando surgia a ameaça de um naufrágio e tinha-se a necessidade de livrar-se de grande parte do peso presente nos navios, as crianças eram as primeiras a serem jogadas no mar (Melo, 2020).

Desse modo, poucas crianças chegavam com vida ao país. O Brasil passou então a ser povoado por crianças imigrantes que conseguiam chegar com vida, nativas da terra (indígenas) e as crianças escravizadas vindas em navios piratas (Melo, 2020).

É válido salientar que, durante o processo de colonização, desembarcou nas terras brasileiras um grupo de seis padres liderados por Manuel da Nóbrega, formando assim a Companhia de Jesus, uma forma de converter os nativos da terra ao catolicismo e aos costumes de Portugal. Os nativos eram vistos pelos portugueses como povos bárbaros, aos quais necessitavam que suas almas fossem salvas, impondo um novo modelo de fé, tornando-os em cristãos e promovendo assim uma nova organização social. Desse modo, percebemos que no processo de construção da imagem de criança no Brasil é notório as relações de poder entre adultos e crianças (Melo, 2020). Em consonância com o tema, Priore (1996, p.10) aponta que:

Aos olhos dos jesuítas recém-chegados às índias então descobertas, não só o cenário carecia de ordem que expresse a marca civilizatória da metrópole na colônia, mediante a instalação de vilas, erecção de capelas e a sementeira dos campos, mas as almas indígenas deviam ser ordenadas e adestradas para receber a sementeira da palavra de Deus. Transformação da paisagem natural e da transformação dos nativos em cristãos: esta era a missão.

Temos assim, o primeiro modelo de educação instaurado no Brasil, entretanto essa educação era pautada em ensinamentos rígidos, as crianças durante o processo de disciplinarização eram submetidas a castigos físicos. “A educação pelo sangue fazia parte do conjunto de medidas civilizadoras na educação das crianças, pois se tratava, antes de tudo, de educar os menores que cuidaram de ensinar também cotidianamente a doutrina aos mais velhos [...]” (Daher, 2001, p.50).

Portanto, como em outros países, a infância passa a ser valorizada e adquire importância social no Brasil ao longo dos séculos, em meio a uma série de transformações, como a criação de movimentos de proteção jurídica e policial ao qual proibiam a exploração do trabalho infantil, o movimento médico-higienista que tinha como objetivo erradicar os altos índices de mortalidade infantil, assim como espaços institucionais para menores infratores. O discurso de educação de crianças é ainda mais fortalecido tornando preocupação social, aumentando assim investimentos na área e democratizando o acesso à escola (Cruz; Sarat, 2015). As autoras, Cruz e Sarat (2015, p.25) ainda apontam que:

Desta forma, podemos apontar a constituição da percepção da infância escolarizada no Brasil, ou o processo de educação das crianças brasileiras aconteceu em meio às mudanças nos processos sociais de constituição do estado, transformações do sistema produtivo, constituição de novos arranjos familiares, reorganização social que o país esteve imerso em final do século XIX e início do século XX. Portanto, não foi de forma linear, sem tensões, ou conflitos entre grupos que formaram a sociedade do período.

Nesse contexto, embora a infância já tivesse adquirido importância e valor social no Brasil, foi somente no século XX que através do marco histórico e legal da Constituição Cidadã ou Constituição Brasileira de 1988, que promulga o dever do estado em promover a justiça social com o objetivo de garantir melhorias de vida, comprometida e democrática com a população, que o Estatuto da Criança e do Adolescente foi sancionado através da lei federal nº 8.069/90 de 13 de julho de 1990, rompendo com o antigo Código de Menor de 1979 (Pini, 2015).

O Código de Menor era um instrumento de controle, onde crianças e adolescentes considerados em situação irregular, que estivessem em situação de abandono, carência, conduta antissocial, deficiência ou algum tipo de doença eram levados até instituições estas que funcionavam como espécie de internatos considerados prisões. Diferentemente do Estatuto da Criança e do Adolescente que torna os mesmos sujeitos de direitos, o Código de Menor reprimia, despersonaliza, tratava crianças e adolescentes como objetos. A soma disso, Pini (2015, p.11) traz que:

Chegamos aos 25 anos do Estatuto da Criança e do adolescente em fase do movimento social e político trilhado no Brasil, desde a década de 1970, que buscava romper com a forma humilhante, vexatória e coisificada com a qual a infância e a adolescência eram tratadas. Em 1988, no contexto ideológico, socioeconômico e cultural, foi conquistado o Estado Democrático de Direito no Brasil, por meio da Constituição Federal. Esta Constituição traz vários avanços nos marcos da sociedade capitalista, de modo, particular, demarca uma ruptura com a situação irregular e um novo paradigma



para a infância e a adolescência, tendo em vista o reconhecimento destes como seres em condição peculiar de desenvolvimento, pessoas com prioridade absoluta nas políticas sociais, sem distinção de etnia, condição socioeconômica e religiosa, orientação sexual e classe social e aponta como responsáveis pelo cuidado e proteção, com a infância e a adolescência, o Estado, a Sociedade em geral, a Família e a Comunidade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente emerge em um cenário de profundas transformações nos âmbitos social, cultural e político. O mesmo passou por atualizações ao longo dos anos, porém seus objetivos permanecem intactos. “Este avanço é fruto da atividade democrática social que realiza-se com um contrapoder social que determina, dirige, controla e modifica a ação estatal e o poder dos governantes” (Chauí, 2006 *apud* Baptista, 2012, p.185). Fazendo jus aos objetivos que são fundamentais para orientar suas atribuições, a lei nº 8.069/90 estabelece em seu art. 3º que:

(...) A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facilitar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (Brasil, 2018, p.10).

Nesse prisma, representa uma nova fase desinstitucionalizada com a implementação de novas políticas e uma nova concepção acerca da infância e da adolescência. “A lei há de contribuir para a mudança da mentalidade da sociedade brasileira, habituada, infelizmente, a se omitir diante das injustiças de que são vítimas as crianças e adolescentes” (Almeida, 1992 *apud* Bezerra, 2006, p.22). Assim, indo além ao cabo das atribuições a lei nº 8.069/1990, estabelece em seu art. 5º que:

(...) Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (Brasil, 2018, p.11).

Um dos inúmeros direitos assegurados e que é de extrema importância discutirmos é o direito da criança e do adolescente de conviver em ambiente familiar e comunitário, já que são pessoas que estão em fase de desenvolvimento e necessitam de cuidados, suporte, para que assim os valores éticos e morais sejam construídos ao longo dos anos, contribuindo para formação da personalidade do indivíduo. “A família é o primeiro agente socializador do ser humano, e a falta de afeto e de amor agrava para sempre seu futuro” (Liberati, 2008, p.22). Assim, O art. 19º traz que:

(...) Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes (Brasil, 2018, p.17).

Como pudemos perceber, resgatar a história da infância e suas peculiaridades é de extrema importância, para que assim possamos trazer à tona discussões relevantes e analisar as constantes transformações ocorridas ao longo dos anos acerca das diferentes concepções no processo de construção social da mesma, desde o descaso até o reconhecimento da infância. Assim, segundo Caldeira (2010, p.01) “compreender o que foram esses conceitos, analisando a infância do ponto de vista histórico, pode nos revelar muito sobre a sua situação nos dias atuais”.

### 3 PSICOLOGIA INFANTIL

“A psicologia é resultado da história emergindo no século XIX” (Hillesheim; Guareschi, 2007, p.82). Em meio às diversas transformações ocorridas com o advento da Idade Moderna no século XVIII, houve-se uma necessidade de analisar o ser humano, sua evolução ao longo dos anos, como os seres humanos se adaptam ao meio ambiente, passando assim a psicologia ser reconhecida como ciência (Hillesheim; Guareschi, 2007).

Diante do exposto, a psicologia passou a compreender o ser humano como biopsicossocial, em contraposição ao modelo biomédico, o modelo biopsicossocial é construído a partir de contribuições de diversas áreas do conhecimento com o objetivo de integrar as práticas em saúde à dimensão psicossocial, ganhando impulso principalmente no século XX (Marco, 2006). “A perspectiva que tem como referência o modelo biopsicossocial tem se afirmado progressivamente. Ela proporciona uma visão integral do ser e do adoecer que compreende as dimensões física, psicológica e social” (Marco, 2006, p.64).

Embora a psicologia já começasse a se desenvolver no século XIX, a psicologia voltada a infância só ganha impulso em meados do século XX, contudo, as linhas de pesquisa concentravam-se somente no comportamento considerado anormal de crianças e foi somente ao longo dos anos que surgiram teóricos interessados em estudar a infância em sua totalidade. A psicologia compreende o conceito de infância ao longo dos anos como uma construção histórica a partir de práticas culturais, ao qual a mesma se torna um objeto da história, um objeto discursivo (Hillesheim; Guareschi, 2007). Hillesheim e Guareschi (2007, p.83) ainda destacam que:

Entendem-se aqui os discursos sobre a infância como uma rede de significados que interpelam os sujeitos, os quais passam a reconhecê-los como verdade sobre si e sobre o mundo. Quando se fala em infância, não se remete, portanto, a uma abstração, mas a uma construção discursiva que institui determinadas posições não só das crianças, mas também da família, dos pais, das mães, das escolas, entre outros, instituindo modos de ser. Os discursos sobre a criança viabilizam aos sujeitos reconhecerem-se como portadores (ou não) de uma infância, posicionando-os nessa rede discursiva.

A psicologia infantil começa seu legado fundamentando-se em teorias do desenvolvimento humano. Assim, “a noção de desenvolvimento está atrelada a um contínuo de evolução, em que nós encaminharíamos ao longo de todo o ciclo vital” (Rabello; Passos, 2010, p.01). Para uma melhor compreensão, é válido analisarmos alguns teóricos que se debruçaram sobre o tema.

Não podemos deixar de citar dois grandes teóricos que se debruçaram sobre o estudo do desenvolvimento humano como Jean William Fritz Piaget, psicólogo, biólogo e epistemólogo nascido na Suíça no ano de 1896 e Lev Semionovitch Vygotsky, psicólogo nascido em 1896 na Bielorrússia (Santos *et al.*, 2015). Ambos são construtivistas, pois seguem a ideia de que “o conhecimento é ativamente construído” (Santos *et al.*, 2015, p.07). Contudo, a grande diferença entre as teorias está cravada em quem promove a aprendizagem.

A teoria de Piaget desenvolvida em 1970, traz que o desenvolvimento biológico é um dos segmentos principais tornando-se determinante na forma como a criança aprende e interage, assim o desenvolvimento biológico influencia diretamente na constituição de estruturas cognitivas. Segundo o teórico, há um desenvolvimento previsto no ser humano que vai se atualizando conforme o tempo passa. Contudo, não descarta a influência do meio, pois a construção cognitiva é permeada em um ambiente rico e variado, onde a criança passa por um processo de descobertas, exploração, aprendizagem, assim o ambiente interage com seu patrimônio genético (Santos *et al.*, 2015). A respeito de Piaget, Schirmann *et al.*, (2019, p.03) destacam que:

Piaget desenvolveu um longo trabalho de análise do desenvolvimento infantil. Ele adentrou no ramo acadêmico com pesquisas voltadas ao contexto biológico, mais tarde, iniciou estudos no ramo da psicologia, tendo interesse em analisar os estágios do desenvolvimento infantil. Esse psicólogo, identificou alterações em um caracol, *Lymnaea Stagnalis* ao qual teve modificações em sua estrutura conforme o local que estava inserido. Logo, ao estudar a psicologia do desenvolvimento, pode perceber que os seres humanos são mutáveis de acordo com o meio em que estão inseridos.

Diante do exposto, Piaget se debruçou no tema “observando crianças desde o seu nascimento até a adolescência, como um recém-nascido passa do estado de não reconhecimento de sua individualidade frente ao mundo que o cerca, indo até a idade de adolescentes” (Santos *et al.*, 2015, p.09). O autor estabelece estágios de desenvolvimento, pois segundo ele passamos por fases de desenvolvimento, adquirindo novas capacidades de interação com o ambiente na medida em que vamos desenvolvendo biologicamente (Silva *et al.*, 2016). Acerca dos estágios do desenvolvimento denominados por Piaget de sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório-formal, Silva *et al.*, (2016, p.05) destacam que:

Sensório-motor (0 a 2 anos): nesta fase a criança está explorando o meio físico através de seus esquemas motores, a principal característica desse período é a ausência da função semiótica, isto é, a criança não representa mentalmente os objetos. Pré-operatório (2 a 7 anos): a criança é capaz de simbolizar, de evocar objetos ausentes, estabelecendo diferença entre significante e significado, o que possibilita distância

entre sujeito e objeto, por meio da imagem mental, a criança é capaz de imitar gestos, mesmo com a ausência do objeto. Operatório-concreto (7 a 11 anos): a criança tem a inteligência operatória concreta, sendo capaz de realizar uma ação interiorizada, executada em pensamento, reversível, também interiorizada. Operatório-formal (a partir dos 12 anos): o adolescente tem as estruturas intelectuais para combinar as proporções, as noções probabilísticas, raciocínio hipotético de forma complexa e abstrata.

Um outro teórico, Vygotsky, trouxe importantes contribuições para a psicologia do desenvolvimento. Sua teoria se fundamenta partindo de uma concepção materialista histórico-dialética, um método no qual analisa o homem em sociedade ao longo da história, assim a partir de sua materialidade histórica da vida. Através da relação com o outro o ser humano se constitui, a aprendizagem estaria contida na interação, no social (Schuster, 2016).

Vygotsky chegou à conclusão de que em contradição a teoria de Piaget, as interações sociais e condições de vida determinam o desenvolvimento intelectual de crianças. O meio que está contido no social, e o social que promove o desenvolvimento do sujeito, nós interagimos com o meio e assim vamos nos desenvolvendo. A interação promove o desenvolvimento da criança, não existindo um desenvolvimento previsto dentro de nós que vai se atualizando conforme o tempo passa (Schuster, 2016).

Assim, a criança é um ser em construção onde a mediação caracteriza sua relação com a realidade. “Dessa forma, a mediação se processa pela utilização de instrumentos e signos que possibilitam, pela interação social, a transformação do meio e dos sujeitos” (Schuster, 2016, p.07). A soma disso, Rabello e Passos (2010, p.03) apontam que:

O teórico Vygotsky pretendia uma abordagem que buscasse a síntese do homem como um ser biológico, histórico e social. Ele sempre considerou o homem inserido na sociedade e, sendo assim, sua abordagem sempre foi orientada para os processos de desenvolvimento do ser humano com ênfase da dimensão sócio-histórica e na interação do homem com o outro no espaço social. Sua abordagem sociointeracionista buscava caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como as características humanas se formam ao longo da história do indivíduo.

É preciso considerar o contexto social e histórico para analisarmos o desenvolvimento infantil. É na infância que a criança aprende a se relacionar com outras crianças e com adultos, o gosto por outras crianças da mesma idade assim como pelas mesmas brincadeiras é aflorado, aprendendo assim regras de convivência em sociedade. A motricidade durante a infância começa a se desenvolver assim como a identificação e compreensão de emoções básicas como tristeza, felicidade, raiva, porém as emoções na infância alcançam níveis extremos (Schuster, 2016).

Portanto, Vygotsky vê a criança como um ser formado através de interações com o meio e com as outras pessoas, o ser humano vive em uma cultura, de qualquer forma aprende com a mesma, sendo válido questionar como a criança se relaciona? Com quem a criança se relaciona?

É válido destacar também as contribuições da pedagoga e psicanalista Ana Freud e da psicanalista Melanie Klein. Ambas se debruçaram sobre o estudo da clínica infantil.

Ana Freud deixou um enorme legado para psicoterapia infantil, poré tinha um olhar voltado mais da peadagogia. Frisa a importância do lúdico no processo psicoterápico, porém o via como uma forma de complemento (Lopes, 2005). “Evidencia-se a crença de Ana Freud em um ego inato. Assim, justifica-se a sua proposta de trabalho analítico que tenha como objetivo o fortalecimento do ego do paciente, a fim de dar-lhe condição de fazer uma adaptação bem-sucedida à realidade” (Lopes, 2005, p.147-148).

Para Melanie Klein um único elemento que diferencia o atendimento de crianças e adultos seria o objeto utilizado, os outros aspectos seriam semelhantes na prática psicanalítica. “As descobertas Kleinianas, que foram de grande importância para a história da prática psicanalítica com crianças, dizem respeito a tudo quanto existe que não é verbalizado pela criança pequena” (Lopes, 2005, p.150).

Melanie Klein acreditava que o recurso lúdico não funciona somente como um complemento, mas sem ele não é possível trabalhar com a criança. “É com Melanie Klein que a técnica lúdica toma sua primeira forma” (Lopes, 2005, p.150). Acreditava que somente por meio do brincar é possível acessar o inconsciente da criança. (Fulgencio, 2008).

#### 4 DEPRESSÃO INFANTIL E PANDEMIA DA COVID-19

Embora a depressão seja conhecida e tratada na contemporaneidade como um problema de saúde pública que requer tratamento humanizado e diferenciado, nem sempre foi assim, pessoas com doenças mentais durante muitos anos foram tratadas como loucas. Melancolia era o termo utilizado para designar pessoas com depressão (Berrios, 2012). Berrios (2012, p.591-592) faz um percurso pelo significado da melancolia, trazendo que:

O significado de melancolia na Antiguidade Clássica é opaco e tem pouco em comum com seu uso psiquiátrico no século XX. A melancolia era definida em termos de características comportamentais evidentes, tais como motilidade reduzida e morosidade. Assim, no uso médico, a melancolia referia-se a um subtipo de mania e denominava, em geral, os estados de expressão comportamental reduzida. Parece ter havido pouca mudança no significado da melancolia durante a Idade Média, apesar do fato que, durante este período, foi adotada uma visão mais dura e mais prática da loucura do que até então tinha sido considerada.

É válido salientar que ainda não existia a prática de internação, ao qual a loucura era considerada como uma espécie de ilusão, erro e somente em casos extremos que representassem perigo à sociedade eram afastados e reclusos (Foucault, 1979).

A sistematização da internação surge somente no século XIX, no auge da Idade Moderna, com a criação dos hospitais psiquiátricos, também designados de hospícios ou manicômios, termos mais utilizados naquela época. O modelo hospitalocêntrico privava o paciente de liberdade, onde pessoas eram retiradas do convívio social e reclusas em hospitais psiquiátricos, ao qual eram submetidas a tratamentos desumanos além da precariedade como edifícios inadequados, falta de higiene e falta de funcionários (Foucault, 1979). O autor, Foucault (1979, p.69) ainda aponta que:

A prática de internamento, no começo do século XIX, coincidiu com o momento em que a loucura é percebida menos em relação ao erro do que com relação à conduta regular e normal. Momento em que aparece não mais como julgamento perturbado, mas como desordem na maneira de agir, de querer, de sentir paixões, de tomar decisões e de ser livre. Enfim, em vez de se inscrever no eixo verdade-erro-consciência, se inscreve no eixo prisão-vontade-liberdade.

Como forma de protesto, de insatisfação e de reivindicação de direitos a pessoa com doença mental, movimentos antimanicomiais começam a surgir após a Segunda Guerra Mundial na Europa e nos Estados Unidos, defendendo perspectivas humanizadas no tratamento e incentivando a multiprofissionalidade na saúde pública, como a entrada de profissionais de

psicologia. A penetração das diretrizes da Reforma Psiquiátrica no Brasil sob influências de outros países ganha força por meio do processo de desinstitucionalização e redução gradual de internações, ao qual o Ministério da Saúde instituiu normatizações e leis com intuito de extinguir a prática manicomial (Brasil, 2005).

Nesse contexto, transtornos depressivos passaram a ser caracterizados como transtornos de inibição do humor atrelados a diversos sintomas somáticos (Dsm-5, 2014). “Do ponto de vista psicopatológico, as síndromes depressivas têm como elementos mais salientes o humor triste e o desânimo” (Dalgalarrondo, 2008, p.307). Podem ser originadas por diversos fatores como genética, por fatores ambientais, por uso de medicamentos ou problemas médicos (Dalgalarrondo, 2008).

“Sintomas afetivos, ideativos, neurovegetativos e cognitivos, podem estar presentes nos quadros de depressão e nos casos mais graves há prevalência de sintomas psicóticos, alterações psicomotoras e fenômenos biológicos” (Dalgalarrondo, 2008, p.307).

No cérebro de uma pessoa com depressão ocorre um “hipofuncionamento bioquímico da atividade de certos neurotransmissores, sendo que noradrenalina, a dopamina e a serotonina merecem importante destaque” (Moreira *et al.*, 2018, p.03).

Reações emocionais como tristeza e desânimo assim como alterações biológicas estão presentes em qualquer ser humano. Então como podemos diferenciar se essas reações são normais ou se fazem parte do quadro clínico da depressão? A diferenciação é feita a partir da frequência e da intensidade, pois a sintomatologia da depressão se manifesta de forma prolongada e bastante intensa, causando prejuízos significativos na vida do indivíduo.

O transtorno bipolar especificamente em crianças até 12 anos atribuiu-se um novo diagnóstico ao qual é anexado aos transtornos depressivos designado de transtorno disruptivo de desregulação do humor. Apresentam os seguintes sintomas, descontrole comportamental extremo marcado por episódios frequentes e irritabilidade persistente, pois se entende que crianças que apresentam essa sintomatologia na infância em vez de apresentar transtorno bipolar na adolescência e na vida adulta tendem a ser diagnosticadas com transtornos de ansiedade e transtornos depressivos unipolares (Dsm-5, 2014). Convém destacarmos os principais tipos de transtornos depressivos, ao qual o Dsm-5 (2014, p.155) traz que:

O transtorno depressivo maior representa a condição clássica desse grupo de transtornos. Ele é caracterizado por episódios de pelo menos duas semanas de duração (embora a maioria dos episódios dure um tempo consideravelmente maior) envolvendo alterações nítidas no afeto, na cognição e em funções neurovegetativas, e remissões interepisódicas. Uma forma mais crônica de depressão, o transtorno depressivo persistente (distímia), pode ser diagnosticada quando a perturbação do



humor continua por pelo menos dois anos em adultos e um ano em crianças. Esse diagnóstico novo no Dsm-5, inclui as categorias diagnósticas do Dsm-IV de transtornos depressivo maior crônico e distímia.

Enquanto em adultos a sintomatologia da depressão se manifesta na maioria das vezes pelo humor triste e desânimo, em crianças pré-escolares (até seis ou o sete anos) estudos apontam que cerca de 70% dos casos de depressão maior em pré-escolares, é manifestada principalmente por sintomas físicos como tonturas, fadiga, dores no abdômen e na cabeça, falta de apetite, ao qual não podemos descartar sintomas emocionais como irritabilidade, choro fácil, apatia, dificuldade em habilidades sociais, porém se tornam menos prevalentes (Bahls, 2002).

“O comportamento autodestrutivo na forma de bater a cabeça severa e repetidamente, morder-se, engolir objetos perigosos e a propensão a acidentes pode ser um equivalente suicida em crianças que não verbalizam emoções” (Bahls, 2002, p.360).

Em crianças dos 7 aos 12 anos, sintomas emocionais se tornam mais proeminentes, a criança começa apresentar baixa autoestima, falta de confiança, humor triste, sentimento de culpa, entretanto não podemos descartar os sintomas físicos presentes nessa fase também. O desempenho escolar tende a cair devido à falta de interesse e a falta de concentração (Bahls, 2002).

Mesmo com os sintomas emocionais mais aflorados nessa fase, identificar os sinais fica extremamente difícil, principalmente para os pais que não tem o mesmo conhecimento de um profissional, pois diferentemente dos adultos que têm facilidade em verbalizar, expressar seus sentimentos, crianças têm mais dificuldade, dificilmente uma criança saberá expressar seus sentimentos, por isso é tão importante que os pais ou responsáveis fiquem atentos aos sinais que se manifestam de forma atípica e procurem ajuda de um profissional da área como o psicólogo. Nesse contexto, Fu I *et al.*, (2000, p.25) apontam que:

Antes da aquisição de linguagem verbal, uma criança manifesta depressão pela expressão facial, pela postura corporal e pela falta de resposta aos estímulos visuais e verbais. As crianças, quando deprimidas, podem apresentar humor irritadiço ou instável. Enquanto umas têm explosões descontroladas, outras aparentam estarem tristes e choram à toa.

Podemos fazer uma relação direta da depressão infantil com os impactos causados pela pandemia da covid-19. Um estudo realizado através de uma análise em 29 artigos publicados no mundo inteiro acerca da depressão e ansiedade em crianças e adolescentes durante a pandemia da covid-19, comprovou que a prevalência de depressão infantil dobrou durante a

pandemia se comparar com o contexto pré-pandêmico, estando diretamente relacionada com à privação social, mudanças drásticas na rotina, perda de datas comemorativas, medo e estresse familiar. A análise feita concluiu também que crianças mais velhas e do sexo feminino apresentaram índices mais altos de sintomas depressivos do que crianças do sexo masculino e mais novas (Racine *et al.*, 2021).

Assim, a pandemia acabou potencializando os fatores de risco da depressão infantil. Foi possível perceber que os principais sintomas apresentados por crianças durante a pandemia foram tristeza, anedonia, perda de interesse e falta de apetite (Racine *et al.*, 2021).

A covid-19, por se tratar de uma doença causada por uma infecção respiratória aguda altamente contagiosa entre os seres humanos, acabou gerando impactos na vida da população, produzindo reflexos físicos, mentais e econômicos. Quando ainda estávamos em um cenário onde não existiam vacinas ou terapias específicas no ano de 2020, para evitar a disseminação do vírus, países do mundo inteiro implantaram medidas de isolamento social, o que ocasionou no fechamento de escolas, de áreas de lazer, impedindo atividades presenciais e o convívio entre as crianças (Brito *et al.*, 2020). Acerca da importância do ambiente escolar como espaço de socialização, Almeida e Júnior (2021, p.02) destacam que:

Uma vez que escolas consistem em um ambiente que permite a socialização das crianças fora do núcleo familiar, assim, como seu desenvolvimento psicomotor e cognitivo, sendo ainda o local onde elas passam a maior parte do tempo durante o dia, logo com a paralisação das atividades escolares e a falta de interação com outras crianças, a falta destes têm o potencial de interferir na saúde mental dos estudantes.

A ausência de achados tomográficos patognomônicos atrelados aos sintomas específicos da patologia tornaram o diagnóstico diferencial de difícil confirmação, o que faz com que exames complementares não sejam descartados, pois vírus como Influenza, Metapneumovirus e Sincicial respiratório podem ser facilmente confundidos com a covid-19, o diagnóstico etiológico nesse caso é sempre priorizado (Brito *et al.*, 2020).

Portanto, o confinamento a pequenos espaços e a falta de interação social, acabam sendo fatores responsáveis por eventos traumáticos. Em crianças com problemas mentais esses impactos podem causar uma exacerbação dos sintomas e problemas no comportamento, já que as mesmas têm mais dificuldades quando se trata de variações do ambiente (Mata *et al.*, 2020). É válido salientar a importância do suporte psicológico e as estratégias para diminuição dos impactos psicoemocionais gerados.

Nessa perspectiva, torna-se relevante falarmos acerca de uma infância invisibilizada, velada, frente os desdobramentos da pandemia, pois é no convívio social, no brincar, no jogar que a mesma aprende a conviver com outras crianças em grupo, estabelecendo vínculos, aprendendo a ganhar e perder, vivencia a amizade e a solidariedade.

## 5 O BRINCAR COMO RECURSO TERAPÊUTICO E O PAPEL ATIVO DA CRIANÇA

O jogo e o brincar acompanham a humanidade desde a era primitiva, fazendo-se presentes em todas as civilizações antigas. Desenhos em paredes de cavernas comprovam que os seres humanos brincavam e jogavam entre si desde a antiguidade. O universo lúdico é visto como reduto principalmente da infância na contemporaneidade, entretanto nem sempre foi assim, se fizermos uma observação histórica percebemos que os jogos e brincadeiras eram realizados principalmente pelos adultos (Kishimoto, 2014). Com o passar dos anos foram se moldando de acordo com cada período, o que implica analisarmos as mudanças históricas entre o passado e o presente, compreendendo os diferentes valores e significados atribuídos.

A partir de uma rede de analogias, podemos fazer um percurso pela história e conhecer os múltiplos aspectos através de fatos cronológicos. Os jogos e brincadeiras foram construídos e incorporados em diferentes culturas, a partir de diferentes estímulos e necessidades. A palavra jogo significa diversão, é exercido dentro de determinados limites de tempo e espaço, através de uma atividade voluntária, seguindo regras obrigatórias, entretanto de livre consentimento, atrelados a um misto de sentimentos de alegria e tensão, dotado de um fim em si mesmo. Pode variar de acordo com cada civilização, configurando-se como uma prática social. A palavra brinquedo refere-se a objetos que têm como principal função divertir. Posto isso, brincadeira remete ao ato de brincar originado do latim *ludus* (Huizinga, 2000).

Na Antiguidade a execução dessas atividades era feita de uma forma bem peculiar, através de combates, caça de animais e corrida. Os duelos fictícios só terminavam quando o mais fraco fosse a óbito, escolha feita pelo público que assistia (Barbosa *et al.*, 2015). Em suma, os jogos e brincadeiras não permaneciam na esfera lúdica, algumas atividades assumiam um caráter religioso, onde tinham como objetivo agradecer ou pedir alguma bênção a Deus. É válido salientar que os precursores dos jogos olímpicos foram os gregos, nesta modalidade evidenciaram-se a representação cósmica, biológica e social, onde os integrantes eram como espécie de atores do ciclo dos renascimentos (Brougère, 1998).

Os jogos e brincadeiras foram desenvolvidos ao longo da história a partir de práticas de adultos com base em romances, poemas, rituais religiosos, magia, astrologia e natureza. O autor Ariès (1981), em sua obra *História Social da Criança e da Família*, retrata que as atividades desenvolvidas por crianças e adultos eram as mesmas, ambos compartilhavam dos mesmos jogos e brincadeiras. *Cabra-cega*, jogos de salão, jogos de guerra e bolas de neve eram algumas atividades praticadas. A soma disso, Ariès (1981, p.50) destaca que:

Numa tapeçaria do início do século XVI, alguns camponeses e fidalgos, estes últimos vestidos de pastores, brincam de uma espécie de cabra-cega: não aparecem crianças. Vários quadros holandeses da segunda metade do século XVI representam também pessoas brincando dessa espécie de cabra-cega. Num deles aparece algumas crianças, mas elas estão misturadas com adultos de todas as idades: uma mulher, com a cabeça escondida no avental, estende a mão aberta nas costas. Luiz XIV e sua mãe brincavam de esconde-esconde. Brincava-se de cabra-cega na casa de Grande Mademoiselle, no hotel Rambo Wild. Uma gravura de Lepoutre mostra que os camponeses adultos também gostam dessa brincadeira.

Com o passar dos anos, com a infância descoberta no século XVIII, como já foi dito, os jogos e brincadeiras passaram a ser executadas principalmente por crianças, apesar do universo lúdico abrir espaço tanto para adultos quanto para crianças. Assim, a produção de brinquedos tem início e o mesmo passa a ser visto não somente como um objeto voltado para a sobrevivência e aprendizagem de novas tarefas, mas como algo que tem como papel divertir, educar, promovendo desenvolvimento social, físico e mental (Fontana *et al.*, 2021).

É através dos jogos e brincadeiras que a criança revela seu estado emocional. “[...] os jogos ensinam os conteúdos através de regras, pois possibilitam a exploração do ambiente a sua volta, os jogos proporcionam aprendizagem de maneira prazerosa e significativa, assim agrega conhecimentos” (Silva, 2015 *apud* Fontana *et al.*, 2021, p.71). O percurso histórico dos jogos e brincadeiras ilustra a evolução dos mesmos atrelados a representação e modificação da imagem da criança. Acerca da importância do brinquedo Vygotsky (1998, p.134-135) aponta que:

O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança. No brinquedo a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de uma idade, além de ser comportamento diário. No brinquedo é como se ela fosse maior que é na realidade.

Nesse contexto, o brincar em diferentes linhas teóricas da psicologia passou a ser estudado e visto sob um novo olhar. A psicoterapia voltada para o público infantil ao qual sua principal ferramenta é o brincar, surge nesse cenário de profundas transformações.

É importante destacarmos pensamentos de outros autores e suas contribuições acerca do brincar. Donald Woods Winnicott, um pediatra e psicanalista nascido no Reino Unido, foi um autor que se debruçou sobre o estudo do brincar como recurso terapêutico. Winnicott vê o brincar em sua potencialidade própria, acreditando que o brincar engloba tanto crianças como adultos, tornando-se uma experiência universal e inédita de desintegração e integração (Franco, 2003).

Através do lúdico a relação consigo e com os outros é estabelecida. Todavia, Winnicott não romantiza o brincar pois, pode se tornar algo aterrorizador se não tiver o manejo e olhar atento do terapeuta. O brincar no setting terapêutico precisa ser saudável e desejável, se fundamentando em temporalidade e espaços próprios e a relação entre terapeuta e paciente acaba se assemelhando a relação inicial entre mãe e bebê (Franco, 2003).

Piaget também foi um dos pensadores importantes da época, podemos relacionar a ludicidade a teoria proposta por ele de assimilação sob acomodação, a teoria neo-piagetiana justifica-se, pois, “a criança transforma objetos de acordo com seu desejo, então a assimilação está predominando, outras vezes, é a própria criança que se modifica para imitar uma pessoa ou um animal, então, a predominância é da acomodação” (Bacelar, 2009, p.03). Acerca do brincar Vygotsky (2009) *apud* Harmuch (2020, p.02) trazem também que:

A brincadeira é uma reelaboração criativa do que a criança vivenciou, por meio dela, a criança constrói uma nova realidade que responde aos seus anseios e desejos, para o autor, a criação é fruto de um processo contínuo, cabe ao adulto atuar nas intervenções e mediações durante esse momento.

Posto isso, é válido salientar a importância do lúdico em crianças acometidas pela depressão infantil na pandemia da covid-19. Antes mesmo da pandemia da covid-19, com o processo de urbanização ocasionado pelo advento da Modernidade e o avanço da tecnologia, havia-se já uma grande preocupação com as crianças da era Moderna pois, já apresentavam inatividade corporal, aumento do uso de telas, menos convívio social e com a chegada da pandemia impactou ainda mais a saúde mental das crianças (Harmuch 2020).

E de que forma o brincar pode ser um auxílio para essas crianças que adoeceram na pandemia? O brincar auxilia a criança atuando como facilitador de tal processo, promovendo desenvolvimento cognitivo, “buscando soluções e hipóteses para possíveis conflitos e questionando algumas regras, incorporando valores apropriados de diversas linguagens corporais” (Karanauskas, 2019, p.78).

Por meio do lúdico a criança se torna dona da situação, repetindo vivências da vida real através da livre expressão, conseguindo assim reelaborar um novo significado, um novo sentido, novas visões acerca de acontecimentos traumáticos como a pandemia da covid-19, transformando uma experiência ruim em algo mais leve.

O lúdico é um instrumento valioso de aproximação afetiva entre família e criança, principalmente em isolamento social ao qual proporcionou mais convívio. A infância passou a ser vivenciada de uma nova forma onde tanto crianças quanto familiares reaprenderam a brincar, o estar junto durante o brincar passou a ser valorizado, assim como o toque, a conversa, resgatando laços afetivos e proporcionando desenvolvimento integral e crescimento psicomotor (Harmuch, 2020). A soma disso, Harmuch (2020, p.02) ainda destaca que:

Antigamente, as famílias eram numerosas, as crianças conseguiam brincar nos seus quintais e até na rua com seus irmãos, primos e vizinhos. Hoje, com o grande crescimento urbano das cidades, a rotina das crianças torna-se mais complexa, pois as distâncias aumentam e os perigos de estar na rua também, se não bastassem esses fatores, atualmente, o mundo está enfrentando uma crise gerada por uma pandemia, que obrigou as pessoas a se isolarem em suas casas.

“Alguns estudos recentes buscaram identificar e avaliar as características de crianças deprimidas, concluindo que há diferenças entre o brincar de crianças deprimidas e não deprimidas” (Altmann; Gotlib, *et al.*, 1988 *apud* Carvalho; Ramires, 2013, p.50).

É importante analisarmos essas características que diferenciam crianças deprimidas de crianças não deprimidas em relação ao lúdico, notando que crianças deprimidas tendem a gostar mais de brincadeiras solitárias e interações negativas, revelam baixo nível de fantasia e brincam com menos interesse, diferentemente de crianças que não apresentam sintomas depressivos (Carvalho; Ramires, 2013).

Foi comprovada a eficácia de uma brincadeira realizada com duas crianças com sintomas depressivos chamada esconde-esconde imaginário. As etapas são as seguintes, primeiramente é experimentada de forma real e posteriormente um local imaginário é escolhido e uma pessoa se esconde na imaginação sem se mover do local onde está de fato, logo em seguida cada um dos participantes tentam adivinhar e quem conseguir primeiro tem a oportunidade de se esconder. O objetivo é fazer com que a criança acesse o mundo da fantasia onde tudo é possível e através do espaço criativo há exploração de novas áreas do pensamento (Prat, 2001 *apud* Carvalho; Ramires, 2013).

O ambiente seguro durante a ludoterapia e o brincar terapêutico são dois fatores que contribuem para a eficácia do tratamento. A criança se sentindo segura consegue vivenciar situações traumáticas sem perigo, conseguindo assim ressignificar traumas e conflitos. O lúdico acaba possibilitando que passem de passivas para ativas, reduzindo os sintomas depressivos (Carvalho; Ramires, 2013). As respectivas autoras Carvalho e Ramires (2013, p.55) ainda destacam que “como forma de tratamento para crianças com indicadores de depressão,

demonstrou-se a eficácia da utilização do brincar como recurso terapêutico, conseguindo reduzir significativamente os índices de depressão após a ludoterapia”.

A crise ocasionada pela pandemia da covid-19 forçou os psicoterapeutas a se reinventarem e se adaptarem ao modo de atendimento online. O desafio foi ainda maior para os psicoterapeutas que atendem crianças, porém “a psicoterapia online abre caminho para a expressão dos sentimentos por meio das verbalizações, brincadeiras e desenhos, permitindo a elaboração de estratégias de cuidado específicas para elas” (Oliveira *et al.*, 2020, p.13).

“Todas as abordagens terapêuticas direcionam seus métodos e técnicas à psicoterapia infantil” (Oliveira *et al.*, 2020, p.08). A psicoterapia voltada para crianças passou a ser chamada de ludoterapia pelo fato do brincar ser o principal instrumento. As percepções da criança sobre a vida e as projeções de seus sentimentos são favorecidas pelo lúdico. Seu objetivo principal independente de abordagem teórica, é auxiliar a criança a superar um problema que esteja afetando seu emocional e qualidade de vida, por meio do uso de técnicas aplicadas através do lúdico e do verbal (Oliveira *et al.*, 2020). Acerca de algumas abordagens teóricas, Aberastury (1982), Forteski (2014), Gadelha; Menezes (2004), Protasio (1997) *apud* Oliveira *et al.*, (2020, p.08) apontam que:

a) no que se refere a psicanálise, a meta da psicoterapia será favorecer a expressão e a elaboração de conflitos intrapsíquicos (originados pelas instâncias do ID, do EGO e do SUPEREGO); b) na concepção comportamental, busca-se identificar os comportamentos disfuncionais e indesejáveis da criança, resultado de uma aprendizagem defeituosa, com o propósito de favorecer a aprendizagem de novos comportamentos mais adaptados aos estímulos do ambiente que ele deve enfrentar; c) as abordagens fenomenológica-existencial, humanista e Gestalt, por valorizarem a tendência humana de atingir a autoconsciência (autodeterminação) e a liberdade de decidir seu próprio destino, propõem que a psicoterapia infantil deve compreender a queixa principal segundo a perspectiva da criança de forma a identificar os bloqueios ao seu potencial e resgatar seu processo de crescimento pessoal.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base que a infância sempre foi a principal fase de todo ser humano, mesmo que tenha passado por um processo de dicotomia ao longo dos anos em sua representação social, e que não tenha sido descoberta na antiguidade, é como uma espécie de alicerce se tornando fundamental e decisiva na formação biopsicossocial da criança. A vida adulta é um reflexo das experiências vivenciadas na infância.

Compreendendo que a pandemia da covid-19 refletiu diretamente na vida cotidiana de milhares de crianças no mundo inteiro, o presente estudo possibilitou através de uma revisão da literatura analisar de forma qualitativa a prevalência de depressão infantil durante o contexto pandêmico. Foi possível inferir que os fatores que influenciaram a depressão infantil durante a pandemia do covid-19 estão diretamente relacionados ao isolamento social. Uma ressalva a ser feita é que foi possível perceber que os sintomas da depressão infantil se manifestam de forma atípica, diferentemente do transtorno em adultos.

Foi possível inferir também a eficácia do lúdico frente ao adoecimento psíquico causado pela depressão infantil, promovendo desenvolvimento de habilidades cognitivas como expressão e controle de emoções e sentimentos, manejo de pensamentos, senso de pertencimento, reconhecimento dos sentidos e habilidades sociais. É válido salientar que diferentemente dos adultos, as crianças se apresentam ao mundo através do brincar ao qual se torna sua principal linguagem. Através do mesmo é possível identificar angústias, medos, frustrações e traumas, oportunizando um espaço de fala e ressignificação de eventos traumáticos como a pandemia do covid-19.

É importante frisar uma limitação imposta durante a coleta de dados ao qual foi a ausência de estudos em Periódicos de Bases de Dados Virtuais que abordem a depressão Infantil na pandemia da covid-19 como tema principal. Por esta razão foi feita uma análise minuciosa em estudos que estão ligados ao tema.

Aos profissionais de psicologia sugere-se um aprofundamento na temática por meio de novos estudos, pois embora que durante a pandemia da covid-19 o tema tenha ganhado uma maior visibilidade, o pós-pandemia merece também um destaque devido os impactos que ainda permeiam a vida de milhares de crianças. Diante das nuances é preciso compreender que a depressão não é um transtorno exclusivo do público adulto, a depressão infantil existe e precisa de um olhar atento e sensível.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, I.M.G.; JÚNIOR, A.A.S. Os impactos biopsicossociais sofridos pela população infantil durante a pandemia do covid-19. **Research, Society and Development**, v.10, n.2, p.01-10, 2021.
- ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- BACELAR, V.L.E. A importância da ludicidade no desenvolvimento infantil: As contribuições de Jean Piaget e André Lapierre podem nos ajudar na compreensão dessa fenomenologia? **Revista Eletrônica do GEPEL**, v.1, n.7, p.01-20, 2009.
- BAHLS, S.C. Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes. **Jornal de Pediatria**, v.78, n. 1, p.359-366, 2002.
- BAPTISTA, M.V. Algumas reflexões sobre o sistema de garantia de direitos. **Revista Serviço Social e Sociedade**, v.01, n.109, p.179-199, 2012.
- BARBOSA, A.C. L.; BUBLITZ, K.R.; GOMES, V.R. **Jogos, brinquedos e brincadeiras**. 1. ed., Indaial: Editora Uniasselvi, 2015.
- BELO, F.; SCODELER, K. A importância do brincar em Winnicott e Schiller. **Revista tempo psicanalítico**, v.45, n.01 p.91-109, 2013.
- BERRIOS, G.E. Melancolia e depressão durante o século XIX: uma história conceitual. **Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental**, v.15, n.3, p.590-608, 2012.
- BEZERRA, S.C. Estatuto da criança e do adolescente: marco de proteção integral. *In*: LIMA, C.A *et al.*, (orgs). **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Editora MS, 2006, p.17-22.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Reforma Psiquiátrica e Política de Saúde Mental no Brasil**. Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental. Brasília, 2005.
- BRASIL. Senado Federal. **Estatuto da Criança e do Adolescente: disposições constitucionais pertinentes: lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**. 6-ed- Brasília: subsecretaria de edições técnicas, 2017.
- BRITO, S.B.P, et al. Pandemia da covid-19: o maior desafio do século XXI. **Vigilância em Debate**, v.8, n.2, p.54-63, 2020.
- BRITO, I.M.; BATISTA, M.T.F.; BARBOSA, A.A.G. Impactos da depressão infantil na aprendizagem: uma revisão da literatura. *In*: VII Congresso Nacional de Educação, (CONEDU), 2021, Maceió. **Anais Eletrônicos**. [...], Maceió: Editora Realize, 2021, p.01-10. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO\\_EV150\\_MD1\\_SA109\\_ID3179\\_29072021223902.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SA109_ID3179_29072021223902.pdf) 11. Acesso em 15 de maio de 2023.

BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CALDEIRA, L. B. **O conceito de infância no decorrer da história**. Educadores, 2010. disponível em: <https://btux.com.br/professorbruno/wp-content/uploads/sites/10/2018/07/O-Conceito-de-Inf%C3%A2ncia-no-decorrer-da-inf%C3%A2ncia.pdf> . Acesso em: 15 de abril de 2023.

CARVALHO, C.; RAMIRES, V.R.R. Repercussões da depressão infantil e materna no brincar de crianças: revisão sistemática. **Psicologia: teoria e prática**, v.15, n.2, p.46-61, 2013.

CRUZ, G.A.; SARAT, M. História da infância no Brasil: contribuições do processo civilizador. **Educação e fronteiras**, v.5, n.13, p.19-33, 2015.

CORDIOLI, A.V. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: dsm-5®**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

COSTA, F.B. **A saúde mental em meio a pandemia da covid-19**. UNB, 2020. Disponível em: [https://dac.unb.br/images/DASU/PANDEMIA/Nota\\_informativa\\_-\\_A\\_Sade\\_Mental\\_e\\_a\\_Pandemia\\_COVID19.pdf](https://dac.unb.br/images/DASU/PANDEMIA/Nota_informativa_-_A_Sade_Mental_e_a_Pandemia_COVID19.pdf). Acesso em: 11 de set de 2023.

DAHER, A. A conversão do gentio ou a educação como constância. *In*: VIDAL, D.G.; HILSDORF, M.L.S (orgs). **Tópicos em história da educação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p.41-52.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2.ed, Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.

FERNANDES, R.; KUHLMANN, M.J. Sobre a história da infância. *In*: FARIA, F.; MENDES, L. (orgs). **A infância e sua educação - materiais práticos e representações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.15-30.

FONTANA, D.C et al. Contribuições dos jogos e brincadeiras na educação infantil no Brasil: uma visão narrativa. *In*: Scherer, S.S *et al.*, (orgs). **Políticas educacionais e escola pública: Questões globais e desafios para as redes de ensino locais**. Ponta Grossa-PR: Editora Atena, 2021. p.66-78

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRANCO, S.G. O brincar e a experiência analítica. **Ágora: Estudos em Teoria psicanalítica**. v.6, n.1, p.45-59, 2003.

FU I, L.; CURATOLO, E.; FRIEDRICH, S. Transtornos Afetivos. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v.22, n.2, p.24-27, 2000.

FULGENCIO, L. O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.42, n.1, p.123-136, 2008.

GALLO, A.E.; ALENCAR, J.S.A. **Psicologia do desenvolvimento da criança**. Maringá: CESUMAR, Centro Universitário de Maringá, 2012.

HARMUCH, K.H. **O lúdico na pandemia: a importância dos jogos e brincadeiras durante o isolamento social**. 2020. Monografia (graduação em psicologia) - Universidade Estadual do Paraná, Santa Cruz, 2020.

HEYWOOD, C. **Uma história da infância: da Idade Média à época Contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

HILLESHEIM, B; GUARESCHI, N.M.F. De que infância nos fala a psicologia do desenvolvimento? algumas reflexões. **Revista Psicologia da Educação**, v.2, n.25, p.75-92, 2007.

HUIZINGA, A.C.M. **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

JARDIM, A.C.S.; PEREIRA, V.S. Metodologia qualitativa: é possível adequar as técnicas de coleta de dados aos contextos vividos em campo? *In*: 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2009, Porto Alegre. **Anais Eletrônicos [...]**. UFSC, Porto Alegre, 2009, p.01-12. Disponível em: <https://cursodegestaoelideranca.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Artigo-sobre-Pesquisa-Qualitativa.pdf>. Acesso em 10 de março de 2023.

KARANAUSKAS, S.G.X. A brincadeira no auxílio do desenvolvimento infantil. **Revista Facep-SP**, v.1, n.1, p.76-112, 2019.

KISHIMOTO, T. M. Jogos, brinquedos e brincadeiras do Brasil. **Espacios en Blanco. Serie Indagaciones, Tandil**, v.24, n.1, p.81-106, 2014.

KUHLMANN, J. **Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

LIBERATI, W.D. **Comentários ao Estatuto da Criança e do Adolescente**. 10.ed. São Paulo: Editora Malheiros, 2008.

LOPES, K.R. Psicanálise com crianças: quando o brincar e dizer. **Revista Vernáculo**, v.1, n. 14/15/16, p.140-158, 2005.

MARCO, M.A. Do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial: um projeto de educação permanente. **Revista brasileira de educação médica**, v.30, n.1, p.60-72, 2006.

MATA, I.R.S.; DIAS, L.S.C.; SALDANHA, C.T.; PICANÇO, M.R.A. As implicações da pandemia da covid-19 na saúde mental e no comportamento das crianças. **Sociedade Brasileira de Pediatria**, v.10, n.3, p.01-05, 2020.

MELO, J.S. Breve Histórico da Criança no Brasil: Conceituando a infância a partir do debate historiográfico. **Revista Educação Pública**, v.20, n.2, p.01-05, 2020.

MOREIRA, D.P *et al.* **Bioquímica da depressão**. Portal FAP, 2018. Disponível em: <https://www.fap.com.br/anais/congresso-multidisciplinar-2018/comunicacao-oral/116.pdf> . Acesso em 16 de junho de 2023.

OLIVEIRA, A.L; NASCIMENTO, A.C.A; DUQUE, F.M. Reflexões sobre a criança, a psicoterapia infantil e a psicoterapia online. *In: Oliveira, A.L et al., (orgs).* **Psicoterapia online: técnicas e ferramentas desenvolvidas durante a pandemia da covid-19**. Taubaté: Editora Unitau, 2020, p.06-16.

ORSINI, M et al. Danos psíquicos durante pandemia por covid-19 no Brasil. **Revista Enfermagem Brasil**, v.19, n.3, p.196-201, 2020.

PINI, F. R. O. Estatuto da Criança e do Adolescente 25 anos de história. *In: ABREU, J et al., (orgs.).* **Salvar o ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2015, p.10-13.

PRIORE, M.D. O papel branco, a infância e os jesuítas na colônia. *In: PRIORE M.D (org.).* **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1996, p.10-27.

RACINE. N et al. Prevalência de sintomas depressivos e ansiosos em crianças e adolescentes durante a pandemia da covid-19. **Jama Pediatrics**, v.175, n.11, p.142-1150, 2021.

RABELLO, E.T; PASSOS, J.S. Vygotsky e o desenvolvimento humano. **Portal Brasileiro de Análises Transacionais**, v.1, n.1, p.1-10, 2010.

SANTOS, A.O.; OLIVEIRA, G.S.; JUNQUEIRA, A.M.R. Relações entre aprendizagem e desenvolvimento em Piaget e Vygotsky: O construtivismo em questão. **Revista Itinerarius Reflectionis**, v. 10, n.2, p.01-25, 2015.

SCHIRMANN, J.K et al. Fases de desenvolvimento humano segundo Jean Piaget. *In: VI Congresso Nacional de Educação (CONEDU), 2019, Campina Grande. Anais Eletrônicos [...], Campina Grande: Editora Realize, 2019, p. 01-10. Disponível em [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD1\\_SA9\\_ID4743\\_27092019225225.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA9_ID4743_27092019225225.pdf). Acesso em 15 de maio de 2023.*

SCHUSTER, S.C. **Desenvolvimento infantil em Vygotsky: Contribuições para a mediação pedagógica na educação infantil**. 2016. Monografia (Licenciatura em Pedagogia)- Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2016.

SILVA, E.S; SANTOS, S.A; JESUS, V.M. **O desenvolvimento cognitivo infantil sob a ótica de Jean Piaget**. Portal FSLF, 2016. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc9-6.pdf> . Acesso em: 10 de maio de 2023.

VYGOTSKY, L.S. **A formação Social da Mente**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.